

Suspeita

Naquela tarde, Marie não estava à minha espera quando cheguei de Londres. Vince, o nosso gato cinzento, adormecera no muro junto ao portão. Era o mês de Novembro, o vento desprendia as últimas folhas das árvores, e o crepúsculo vermelho transformava a casa, o jardim, a rua tranquila, num dos quadros de Marie.

Conhecera-a quatro anos antes em França. Eu tinha um quarto num hotel velho, escuro, com uma escada de caracol, perto da Pont Neuf em Paris. Escolhera-o pelo preço e por uns versos de que me lembrava vagamente, *Sur le Pont Neuf j'ai rencontré, d'où sort cette chanson lointaine...* Levantava-me cedo, vagueava pela cidade, sentava-me nos bancos de jardim, entrava nas galerias, procurava edições baratas de livros de William Irish e John Dickson Carr nos quiosques junto ao rio.

Num sábado de manhã, apanhei um comboio e desci numa aldeia distante, para visitar a casa de um pintor impressionista. Era uma casa baixa, pintada de rosa-escuro, perdida num jardim onde as mimosas começavam a florir. Num canto do jardim havia um poço de pedra e sentada na berma estava uma rapariga, completamente imóvel. A imagem tinha algo de irreal, uma qualidade de sonho que sempre associei a Marie.

Ela era magra, o cabelo castanho-escuro cortado como o de um rapazinho, o vestido azul de algodão muito curto, as sandálias com brilhantes prateados. Os seios pequenos, as pernas longas e bronzeadas. E um rosto nu e inesquecível. Tinha vinte e dois anos mas não aparentava mais de dezassete ou dezoito. Estávamos sozinhos no jardim. Lembro-me de que o silêncio era profundo e o silêncio também é algo que sempre associei a Marie.

Eu tinha vinte e cinco anos e algum tempo antes terminara a minha primeira peça de teatro. A primeira a ser representada. Um pequeno teatro, uma pequena companhia, dois jovens actores desconhecidos. Tinha ficado em exibição durante quase três meses. Aqueles dias em França eram merecidos. E de alguma forma senti que encontrara Marie por causa da peça. Acreditava que o que escrevemos pode mudar a realidade, forçar a realidade, provocar encontros.

Ela era estudante de Arte e vivia num sótão do outro lado do rio. Não havia muito espaço no seu estúdio ou na cama escondida por uma cortina num canto. Não havia muito espaço no meu quarto de hotel no cimo da escada de caracol. Estávamos tão próximos que mal nos podíamos ver, grandes planos, os olhos de Marie, os seios de Marie, a respiração de Marie. O cheiro de Marie, o cheiro acre das mimosas, que impregnava a sua pele.

Quando voltei para Londres, não consegui absorver-me no trabalho. Pensava nela o tempo todo. Não sabia quase nada a seu respeito. Nascera numa cidade do Sul da França, vivera algum tempo numa rulote junto a um velho castelo; o pai era um palhaço ou um mimo que de vez em quando ficava sem trabalho. Ela vendera alguns quadros, aqueles quadros avermelhados, cheios de sol, inspirados em Renoir, que vira no seu estúdio. Era terrivelmente ignorante, creio que conhecia todos os quadros exibidos nas galerias, mas não sabia quase nada dos pintores, dos estilos, da história da Arte. Crescera a ler romances de amor de escrito-

ras francesas, e agora lia romances policiais. Gostava de cinema, especialmente de velhos filmes franceses, estava apaixonada por Jean-Louis Trintignant e por Alain Delon.

Uma tarde, depois de passar algumas horas à volta de uma frase da peça, vesti a gabardina e saí para comer qualquer coisa. Ela estava do outro lado da rua, junto a uma loja de antiguidades, com um dos seus vestidos de Verão e uma gabardina cinzenta, as sandálias prateadas. As gotas de chuva no seu cabelo escuro pareciam brilhantes.

Atravessei a rua e caímos nos braços um do outro.

— Quero ficar contigo.

Beijei-lhe o cabelo, o rosto.

— Meu Deus, como senti a tua falta.

Levei-a para o meu quarto. Fui à estação buscar a mala que ela deixara lá.

Encontrámos uma pequena vivenda nas proximidades de Londres, com lilases no alpendre e um jardim onde cresciam a lavanda e as campainhas azuis. Os campos em volta tinham a beleza sombria e fantasmagórica da paisagem inglesa. Quando chegava do trabalho num jornal, ela esperava-me no jardim, com o gato cinzento que eu lhe dera, ainda muito pequeno, pouco depois de casarmos.

Naquele dia, ela não estava à minha espera. Fiz uma carícia ao gato e ele deixou-se ficar no muro. Gostava de mim mas era, desde o primeiro dia, o gato de Marie.

A porta estava só encostada e o vestíbulo e a cozinha tinham um ar suspenso, como se Marie tivesse saído à pressa. Tirei o casaco, lavei as mãos, e comecei a preparar o jantar. Ela devia ter ido comprar alguma coisa antes que as lojas fechassem.

Daí a pouco vi-a chegar, o seu vulto esbelto, o casaco azul-escuro e os jeans velhos. Usara o cabelo pelos ombros durante alguns anos mas umas semanas antes, sem me avisar, voltara a cortá-lo curto.

Ela parou junto ao muro e estendeu a mão para o gato. E então aconteceu algo que não compreendi. Ele recuou, o dorso arqueado, num movimento de defesa. Marie sorriu ao de leve e depois empurrou o portão.

Era Marie, eu conhecia aquele rosto, aqueles movimentos, aquelas roupas. Mas por um instante tive a sensação de que uma estranha acabara de entrar na minha casa.

Ela estava a tirar o casaco no vestíbulo. Puxou o cabelo para trás das orelhas, num gesto maquinal, e aproximou-se de mim. Pensei que o seu beijo era diferente, os lábios secos, e o cheiro também era diferente, não aquele cheiro a mimosa, mais profundo do que os cosméticos que usava.

— Um novo perfume?

Ela respondeu vagamente.

— Sim.

— O que se passou com o gato?

Encolheu os ombros.

— Sabes como são os gatos.

— Por instantes, foi como se não te reconhecesse.

Nos olhos dela surgiu um brilho divertido.

— Sim...

— É estranho.

— Vou fazer o jantar.

— Está quase pronto.

Ela comeu pouco ao jantar e deixei-a a lavar os pratos, os olhos fixos na janela que tinha as cortinas de renda branca afastadas. Sentei-me à secretária e comecei a trabalhar na peça.

Era difícil acreditar que passara anos sem escrever. Desde os oito ou nove anos que escrevia, primeiro contos, depois peças em um acto... Sempre fora a única coisa realmente importante da minha vida. Até conhecer Marie. Mas desde que recomeçara, mal

podia esperar por aquelas horas ao fim do dia em que encontrava as minhas personagens. O segundo acto revelava-se mais difícil que o primeiro.

Esse era o problema com as minhas peças. O primeiro acto era bom, depois começavam a decair. Normalmente deitava-as fora e começava noutra coisa. Mas agora estava decidido a reescrever o segundo e o terceiro acto as vezes que fossem necessárias. Sentia a falta do teatro. Uma plataforma de madeira, alguns focos de luz, o corpo e a voz de dois ou quatro actores, e o mundo tornava-se quase compreensível.

Marie ia sempre ao quarto depois de jantar, voltava com o seu roupão azul-escuro e umas peúgas grossas, e aninhava-se no sofá a ler, com o gato encostado às pernas. Mas naquele dia sentou-se muito direita, com os jeans e a camisola verde-escura, as botas pretas, os olhos fixos no televisor, uma série policial qualquer.

Há algum tempo que não via o seu trabalho. Tínhamos um pacto, eu não entrava no pavilhão que ela usava como estúdio, ela não folheava os meus blocos de notas ou as páginas impressas na secretária.

Compreendi de repente que sentia a falta das suas pinturas, o vermelho crepuscular e a luz, os lugares onde Deus passara pouco antes. Era quase como ver o mundo pelos olhos de Marie... fazia-me sentir mais próximo dela, do terceiro segredo, aquele que nem ela mesma conhecia.

Aprendera isso muitos anos antes, num filme inglês a preto-e-branco que vira na televisão. Há três segredos, o que não dizemos a ninguém, o que não dizemos nem a nós mesmos e depois o outro... Já não me lembrava bem da história, havia uma casa junto ao rio e uma menina (Hayley Mills... não, Pamela Franklin) que escrevia num muro de pedra, a giz, linhas de *King Lear*, the reason why the seven stars are no more than seven... à espera de que alguém escrevesse a linha seguinte.